

**Nome: David Velanes de Araújo**

**E-mail:** dvelanes@gmail.com

**Instituição de Ensino:** UFBA

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elyana Barbosa

## A ATUALIDADE DO CONCEITO DE *NÚMENO* NA EPISTEMOLOGIA DE GASTON BACHELARD

**Resumo:** A epistemologia bachelardiana demarca relevantemente as características de uma nova ciência que surgiu após as revoluções científicas a partir do final do século XIX e início do século XX. Revoluções que impactara em grandes *rupturas* com os conhecimentos do período moderno ao exigir novas formas de racionalidades e, dessa forma, pôs em discussão a fecundidade de conceitos muito bem sedimentados historicamente no pensamento, como, por exemplo, a noção de *númeno* deixado pela herança kantiana. Então, como pode-se entender o conceito de *númeno* na ótica do pensamento científico contemporâneo? Acredita-se que ninguém melhor que Gaston Bachelard, um epistemólogo francês, que presenciou e fundamentou em seu pensamento epistemológico os desfechos desse novo momento histórico em que se encontram as ciências (Barbosa, 2011), para nos indicar em sua própria perspectiva, como aquele conceito tão discutido pela tradição filosófica pode ser entendido na atualidade perante as grandes reorganizações que sofreram o pensamento nos últimos tempos. A filosofia crítica de I. Kant destacou a noção de *númeno* como o limite do conhecimento humano. O filósofo de Königsberg, insiste em sua obra prima intitulada de *Kritik der Reinen Vernunft* (1781), que o conhecimento humano é sempre conhecimento dos *fenômenos*, pois o *númeno*, a *coisa em si*, só poderia pertencer a uma intuição intelectual pura. A noção de fenômeno designa a aparência sensível como manifestação da realidade aos sentidos humanos e foi caracterizada pelo criticismo kantiano como objeto do conhecimento que aparece em certas condições muito específicas e determinadas pelo espírito humano. Kant diferenciou então *númeno* de *fenômeno*, deixou ao primeiro o mistério daquilo que não se apresenta à estrutura cognoscitiva do ser humano, enquanto ao último, designou a matéria de todo conhecimento. Para I. Kant, a *coisa em si* é desprovida de realidade empírica, ela é vazia, pois a *gemüüt*, o espírito humano, não pode ir além das faculdades da sensibilidade, isto é, da experiência sensível no ato do conhecimento da realidade. Tem-se, com efeito, um uso negativo do

conceito de *númeno*. Essa função negativa permaneceu na filosofia crítica kantiana como princípio de sua teoria do conhecimento que delineou as condições de possibilidade do conhecimento. Obviamente, ocorreu toda uma repercussão histórica sobre a problemática deixada pelo criticismo kantiano acerca dessa noção, como por exemplo, a discussão feita por J. Fichte e F. Schelling que marcou o surgimento do romantismo alemão. Contudo, ao avaliar o conhecimento científico a partir de suas revoluções e reorganizações históricas, Bachelard possibilitou a atualização de conceitos cristalizados historicamente e, os apresenta, nesse sentido, como grandes “obstáculos epistemológicos” que entravam o progresso do saber na descoberta de conceitos fundamentais. Fato este que demarca uma importância de sua filosofia ao ressaltar a potência que um conceito atual adquire perante as mutações do pensamento. É preciso se ater à atualidade dos conceitos, pois estes somente podem ser compreendidos dentro do contexto em que estão inseridos. Por isso, parece-nos, com efeito, que a utilização do conceito de *númeno* no pensamento contemporâneo já não corresponde ao sentido estritamente da filosofia kantiana, sem, obviamente, desqualificar as noções da filosofia do conhecimento de I. Kant. O que está em jogo, de acordo com Bachelard, é a perda da fecundidade dos conceitos, bem enfatizado em sua obra *Le Rationalisme Appliqué* de 1949. De acordo com Barbosa (1996), os conceitos são *dinamológicos*, isto é, com o movimento do conhecimento os conceitos perdem força de explicação acerca de determinados problemas. Por isso, para compreender certos problemas da atualidade não basta situá-los em um saber já adquirido, é antes necessário reorganizar os princípios do saber. Assim, os conceitos se reorganizam dentro de novos recortes temporais e discursivos, como enfatizam de forma semelhante M. Foucault em *L'Archeologie du Savoir* (1969), e G. Deleuze; F. Guattari em *Qu'est-ce que la Philosophie* (1991). Trata-se de verdadeiras *descontinuidades*, verdadeiras *rupturas epistêmicas* ou *cortes epistemológicos*. Uma noção só pode ser compreendida dentro de uma *atividade internacional*, isto é, *interconceptual*. Especificamente dentro de um conjunto de proposições, de discursos à qual ela está inserida em seu momento teórico e histórico. Com efeito, não existe topologia definitiva no campo epistemológico, todo pensamento racional reorganiza-se constantemente, haja vista que as ideias, as noções, os conceitos são sempre deslocados e assumem novas centralidades (Bachelard, 1977). O pensamento reorganizado ultrapassa todo pensamento organizado, diz Bachelard. Nesse sentido, afirma o pensador francês que o *númeno* trata-se agora de uma invenção, de uma criação, ele deixa de ser um mero postulado metafísico. Ele possui uma estrutura complexa e harmônica onde põe sua objetividade sujeita à prova e universalidade. O *númeno* não se encontra mais por “de trás” dos fenômenos e incognoscível como dizia I. Kant, mas ele é agora pensado integralmente por uma *phénomènetechnique* em

que os fenômenos são inventados e construídos integralmente. Aqui, se estabelece uma *ruptura* que dá primazia à reflexão sobre a percepção. Os fenômenos então são preparados numeralmente por uma aparelhagem técnica bem específica e constituída. É preciso, desta maneira, tornar entendido de que a atividade do homem da ciência contemporânea, do *homo creator*, em sua técnica científica, não está mais baseada na sequência natural da ordem dos fenômenos da natureza. Mas como justificar que coloquemos sob o fenômeno um *númeno* em que nosso espírito se reconhece e se anima? G. Bachelard (2008) responde que o *númeno* não pode ser tratado mais como uma convenção e nem como um postulado metafísico. Tal argumento é justificado pela ideia de que o *númeno* agora possui uma complexa estrutura encontrada pela reflexão e, sua objetividade discursiva será encontrada dentro dessa complexidade. O *númeno* pela metafísica, tinha antes recusado sua análise pela experiência habitual e comum, isto é, pela sensibilidade. Mas, a Física matemática agora nos autoriza a falar de sua estrutura. A garantia da objetividade é dada, portanto, pela reflexão. Contudo, essa reflexão não pode ser entendida a apenas à atividade de um sujeito (Bachelard, 1977). O cientista não se encontra mais sozinho, solitário frente ao objeto científico, ele encontra-se em um espaço socializado do conhecimento, em uma *comunidade científica*, que põe a reflexão dentro de uma intersubjetividade e torna-se capaz de retificar a historicidade do conhecimento. Neste trabalho, pretende-se enfatizar no âmbito da Filosofia da Ciência contemporânea, na epistemologia bachelardiana, o processo que modificou o conceito de *númeno* deixado pelo kantismo. G. Bachelard percebeu no campo da matemática, física e química contemporâneas um grande avanço, em *ruptura* com o passado, que instaurou uma nova epistemologia que ele denominou de *novo espírito científico* (Bulcão, 1999). Seria então o que F. Nietzsche chamou de “tremor de conceitos”, onde conhecimentos inovadores mostraram uma nova estrutura do Mundo desde que as explicações partissem de novas bases (Bachelard, 1972). Quer-se demonstrar que uma das mudanças trazidas pelo *novo espírito científico* se refere à visão de mundo moderna caracterizada pela teoria do conhecimento kantiana entre *númeno* e *fenômeno*.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Númeno; Bachelard; Conceitos.